

Revista GepeVida 2018

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 9. ISSN 2447-3545



AS IRMÃS DA CONGREGAÇÃO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA: AMPARO E EDUCAÇÃO ÀS MENINAS DESVALIDAS NAS CIDADES DE PELOTAS E RIO GRANDE/RS (1855 A 1873)

Hardalla Santos do Valle¹/ UFPEL
Jeane dos Santos Caldeira²/ UFPEL

Resumo: A Congregação Imaculado Coração de Maria, teve uma expressiva atuação educacional voltada às meninas desvalidas nas cidades de Pelotas e Rio Grande/RS. Entre os elementos discutidos neste artigo, no bojo da Cultura escolar, estão a fundação de dois asilos e a contribuição educacional das Irmãs desta Congregação à infância em situação de vulnerabilidade. Como suporte teórico-metodológico deste estudo evocou-se a História Cultural, para a análise documental de jornais, livros de matrícula, regimentos e relatórios. É preciso acrescentar ainda, que este estudo não se esgota neste trabalho pela complexidade e riqueza do tema tratado. Contudo, foi intenção não apenas destacar a atuação de uma ordem religiosa feminina na esfera educacional, mas suscitar um contexto educacional propício para meninas em situação de vulnerabilidade. Locus repleto de preconceitos de gênero, conflitos socioculturais, e ainda pouco abordado dentro dos estudos históricos educacionais.

Palavras-chave: Congregação Imaculado Coração de Maria. Educação de meninas desvalidas. Educação Católica.

1. Introdução

O presente texto tem como principal proposta, apresentar um estudo sobre a atuação da Congregação Imaculado Coração de Maria, junto a duas instituições voltadas à infância desvalida, situadas nas cidades de Pelotas e Rio Grande (RS). O recorte temporal escolhido,

¹ Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas (PPGE-UFPEL). Mestra em Educação (PPGE-UFPEL). Membro do Centro de Estudos e Investigações em História da Educação (CEIHE-UFPEL).

² Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas (PPGE-UFPEL). Mestra em Educação (PPGE-UFPEL). Membro do Centro de Estudos e Investigações em História da Educação (CEIHE-UFPEL).

Revista GepeVida 2018

abrange os anos entre 1855, ano de fundação do *Asilo de Órfãos Nossa Senhora da Conceição* em Pelotas, a 1873, dez anos após a fundação do Asilo Coração de Maria em Rio Grande.

Cabe salientar que, a trajetória desta Congregação teve início em Viena, na Áustria, por iniciativa da jovem Bárbara Maix, que aos 25 anos de idade criou a Congregação no dia 8 de maio de 1843. Por motivo de perseguição religiosa, Madre Bárbara, juntamente com outras 21 companheiras, partiu para o Brasil se estabelecendo inicialmente na cidade do Rio de Janeiro. A referida Madre foi uma das principais fundadoras da Congregação no país, criada oficialmente em 8 de maio de 1849 (BORTOLUZZI, 1996).

As primeiras atividades da Congregação no Rio Grande do Sul foram desenvolvidas em Pelotas, pois o trabalho desenvolvido pelas Irmãs no Asilo Santa Leopoldina³, de Niterói, estava repercutindo positivamente na cidade. Em setembro de 1855, foi fundado o Asilo Nossa Senhora da Conceição, com o objetivo de acolher órfãs oriundas da Roda dos Expostos da Santa Casa de Misericórdia. O referido asilo foi fundado por membros da Maçonaria, que contaram com o apoio das Irmãs da Congregação para educação e cuidado das internas.

Na cidade do Rio Grande, ao ser criado o Asilo Coração de Maria, visava-se propiciar uma educação ampla às recolhidas, ministrando-lhes noções escolares e domésticas. O acolhimento era pautado através uma série de critérios acertados entre a diretoria e as Irmãs, e documentados em um regimento interno. Cabia às Irmãs, a averiguação destes critérios e o aceite ou não das meninas como internas da instituição. Logo, as questões que norteiam o presente trabalho são: Qual a contribuição da Congregação Imaculado Coração de Maria à educação da infância desvalida em Pelotas e Rio Grande? Quais as diferenças entre a atuação das Irmãs nas duas cidades?

Como alicerce teórico-metodológico foram selecionadas a História Cultural (BURKE, 2008 e CERTEAU, 1997) e a análise documental (SAMARA e TUPY, 2010). Os documentos que sustentam este estudo fazem parte do acervo do Educandário Coração de Maria, da Biblioteca Rio-Grandense, da Congregação Imaculado Coração de Maria com sede provincial situada na cidade de Porto Alegre/RS e da Bibliotheca Pública Pelotense. Entre as principais fontes documentais, destacam-se o regimento da Santa de Misericórdia de Rio Grande, livros de matrículas, relatórios e regimento do Asilo Coração de Maria.

³ O referido asilo foi criado em 1854 para acolher órfãos do sexo masculino e feminino. Seu nome foi em homenagem à mãe do Imperador Dom Pedro II. No mesmo ano de fundação, as Irmãs da Congregação assumiram a direção da instituição.

Revista GepeVida 2018

Nas linhas que seguem, será apresentado primeiramente a atuação das Irmãs na cidade de Pelotas, logo após como ocorreu a fundação do Asilo Coração de Maria em Rio Grande. Busca-se assim, partilhar reflexões que possam contribuir aos estudos sobre educação católica e infância desvalida em contextos locais e no âmbito da História da Educação.

2. A atuação da Congregação Imaculado Coração de Maria em Pelotas

As Irmãs da Congregação Imaculado Coração de Maria começaram a atuar no Rio Grande do Sul, a partir da segunda metade do século XIX, quando algumas religiosas assumiram os trabalhos internos no Asilo Nossa Senhora da Conceição, localizado na cidade de Pelotas, fundado para acolher meninas órfãs.

Cabe salientar que a primeira alternativa oficial criada em Pelotas para o acolhimento da infância desvalida foi a implementação da Roda de Expostos⁴ no dia 1º de julho de 1849, na Santa Casa Misericórdia, que amparava crianças recém-nascidas. Antes da fundação da Roda, os municípios eram responsáveis por receber e assistir a criança abandonada. Como não havia uma instituição própria para o cuidado das crianças desvalidas, competia às câmaras municipais pagar as amas de leite para a amamentação e criação dos desvalidos (MARCÍLIO, 1998; VANTI, 2004).

O objetivo da criação da Roda dos Expostos, vinculada a Santa Casa de Misericórdia de Pelotas, era dar assistência, recebimento, guarda, cuidados e destino às crianças expostas e, conseqüentemente, tentar diminuir o número de óbitos infantis, pois muitas famílias não tinham condições de dar atendimento e cuidados necessários aos recém-nascidos. Sendo assim, a Santa Casa de Misericórdia ficou responsável por este serviço, como as demais Santas Casas de outras regiões do país, atendendo crianças de zero a três, cinco ou até mesmo sete anos de idade. Em 1855, com a fundação de um asilo para órfãs, as meninas entre as idades citadas eram transferidas para o asilo. No caso dos meninos, estes eram enviados para

⁴ A Roda de Expostos era um sistema de formato cilíndrico giratório de madeira, com uma divisória, fixado em um muro ou janela no andar térreo das Santas Casas. Primeiramente o bebê rejeitado, o exposto, é colocado em um tabuleiro pela abertura externa da Roda, em seguida o expositor, ou seja, aquele que deposita a criança, gira o mecanismo e o exposto passa para o interior da instituição. Logo após, o expositor toca uma sineta para avisar da chegada de mais uma criança. O exposto é recolhido pela pessoa responsável pela vigilância da Roda, sem que o expositor possa ser identificado. O objetivo da criação da roda era o de evitar as práticas de abandono em lugares de risco, infanticídio e de aborto (MARCÍLIO, 1998; VANTI, 2004).

Revista GepeVida 2018

o Arsenal de Guerra, em Porto Alegre, ao atingirem sete anos de idade (VANTI, 2004).

No intuito de acolher meninas desvalidas, alguns membros da sociedade pelotense fundaram em 1855 o Asilo de Órfãs Nossa Senhora da Conceição. Vanti (2002) salienta que nesse período foi firmado um convênio entre a Casa dos Expostos da Santa Casa de Pelotas e os serviços de acolhimento e educação do Asilo de Órfãs, para que o asilo amparasse meninas entre cinco e sete anos que estavam sob os cuidados da Casa dos Expostos.

Ressalta-se que grande parte dos colaboradores do referido asilo, senão todos, eram membros da Maçonaria, que fizeram muito por esta instituição. Entre seus feitos estava a doação do prédio que foi ocupado pelo asilo.⁵ Através dos estudos de Marcílio (1998) percebe-se que o Asilo Nossa Senhora de Conceição foi criado no mesmo período em que muitas instituições semelhantes foram fundadas em diversas regiões do Brasil, como o Asilo de Santa Leopoldina (1855) em Niterói, o Asilo de Órfãs Desvalidas (1855) na cidade do Desterro em Santa Catarina, o Colégio Santa Teresa e o Asilo Santa Leopoldina, ambos criados em 1857 na cidade de Porto Alegre, o Colégio de Órfãos (1855) na cidade do Recife, o Asilo de Santa Teresa (1855) na província do Maranhão e o Asilo de Órfãs e Desvalidas (1856) em Fortaleza.

Um dos principais objetivos do Asilo Nossa Senhora da Conceição em Pelotas era transformar meninas órfãs em cidadãs disciplinadas, responsáveis, úteis e aptas para a vida doméstica, através do ensino de primeiras letras, práticas culturais, trabalhos manuais como o bordado e trabalho doméstico. Assim, futuramente, seriam consideradas mulheres com condições de serem inseridas na sociedade de acordo com os padrões estabelecidos pelas elites (MACIEL, 2004). Conforme Poliantéia.(1947, p. 75):

A 7 de Setembro de 1855, na cidade de Pelotas, no edifício doado pela “Sociedade União e Concórdia”⁶ ao Asilo de Orfãs, sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição, achando-se reunida a Diretoria eleita e o conselho das seladoras, em presença da Câmara Municipal, Autoridades civis e militares e de um grande número de assistentes, realizou-se a inauguração do Asilo, sendo apresentadas 6 órfãs, as primeiras introduzidas na casa que tanto bem havia de fazer às meninas que de seu auxílio carecessem.

A figura 1 mostra a fachada do prédio doado para o Asilo Nossa Senhora da Conceição

⁵ Sobre a Maçonaria em Pelotas, ver Amaral (2005).

⁶ A Sociedade União e Concórdia (1853) era uma loja maçônica resultado da união das lojas Protectora da Orphandade (1843) e Commércio e Indústria (1847) (AMARAL, 2005, p. 47).

Revista GepeVida 2018

localizado à rua dos Coqueiros, hoje denominada Gonçalves Chaves⁷.

Sobre a inauguração da instituição, destaca-se o discurso do poeta e orador Antônio José Domingues, em que ele enfatiza o papel das Irmãs:

A caridade de que fazeis profissão tornou-vos mães adotivas dos que, privados, por morte prematura, dos que lhes deram o nascimento, encontram no **vosso amor, todo bebido na fonte do amor infinito, não menos que no ardor inextinguível de vosso zelo e, em vossos assíduos cuidados e desvelos, muito mais do que perderam.** O perfume das vossas obras rescende em ambos os mundos; em ambos tendes deixado saudades e recordações imorredouras que assaz justificam vossos direitos e trazerdes sobre o peito este augusto simulacro do sagrado Coração da mais Santa, da mais terna das mães. (BORTOLUZZI, 1996, p. 335, grifo nosso).

Figura 1: Asilo de Órfãs Nossa Senhora da Conceição



Fonte: *Poliantéia comemorativa do 75.º aniversário da chegada das Irmãs Franciscanas ao Rio Grande do Sul 1872-1947* (1947).

Através do discurso por parte do orador, é possível destacar uma prática que estava em voga naquele período, o da caridade. Os estudos de Rizzini (2011) apontam que a prática da caridade estava associada as virtudes teologais, podendo ser definida como amor a Deus e amor ao próximo. Ainda segundo a autora, no contexto laicizado do século XVIII, a ideia de caridade adquiriu um conceito de caráter humanitário, sendo denominada por diversos termos como compaixão, misericórdia, beneficência, benevolência e filantropia. No Brasil entre o século XIX e XX ocorreu uma mudança na assistência destinada às crianças. A assistência caritativa religiosa passou a ser considerada ultrapassada, fazendo emergir práticas filantrópicas, como continuidade à obra da caridade, mas amparada nas ciências como

⁷ Atualmente, parte do prédio está alugado para a Faculdade de Tecnologia Senac e outra parte está ocupado pelo Instituto Nossa Senhora da Conceição, instituição que presta serviços de assistência social em turno inverso ao da escola para meninas entre 6 e 12 anos.

Revista GepeVida 2018

medicina, psiquiatria, direito e pedagogia. Ainda sobre o discurso de Antônio José Domingues, é possível perceber as intenções da educação ofertada para as meninas desvalidas, bem como, a iniciação profissional oferecida às acolhidas:

Vós ides firmar os primeiros passos destas interessantes donzelinhas no caminho da virtude, instilar em seus ternos corações, ainda morada da inocência, o amor da obediência, da pureza e do trabalho industrial a par de forças e habilitações; vós ides, com vosso exemplo, ensinar-lhes praticamente a resignação e o recolhimento [...] Os fundadores deste Asilo vos escolheram, de preferência, para que estas meninas que hoje vão confiar à vossa direção e ensino, sejam, um dia, ótimas esposas e modelo de mães, para que saibam aligeirar, por sua coadjuvação e prudência, o oneroso jugo do consórcio e para que derramem por sobre a infância e juventude de Deus filhos puríssimas torrentes da instrução e moralidade de que as tiverdes enriquecido. (BORTOLUZZI, 1996, p. 336).

A proposta de educação para as meninas visava a formação de uma futura mulher dócil, submissa, rainha do lar. Cabe considerar que a educação moral era uma prática recorrente daquele período. Parte desse ideário era diferente da educação oferecida para as meninas das classes abastadas, “preparação para gozar a vida em sociedade, para aquelas bem nascidas; preparação para o trabalho para as órfãs e abandonadas” (LOPES; GLAVÃO, 2001, p. 72). Sobre a profissionalização dos desvalidos, as principais iniciativas de ensino profissional eram voltadas para os meninos através das oficinas de aprendizagem de ofícios, entre elas as de marceneiro, ferreiro, pedreiro e tecelão. Já a educação feminina era destinada à instrução doméstica. No caso das órfãs acolhidas em asilos, estas permaneciam nas instituições até atingirem a maioridade, e eram encaminhadas para o trabalho doméstico em casas de famílias. Antes da maioridade, só poderiam sair pelo casamento ou pela intervenção dos pais, tutores, familiares ou protetores.

Buscando aumentar o número de Irmãs para o trabalho com as órfãs, um ano após a fundação do asilo, a diretoria resolveu abrir um pensionato. Essa era uma medida para também obter renda para as despesas do asilo. Algumas Irmãs que estavam descontentes com o trabalho no Rio de Janeiro resolveram se transferir para Pelotas sem autorização de Madre Bárbara. Tal atitude reprovada pela Madre, fez com que ela sentisse um ato de desconfiança e de rebeldia por parte das religiosas (BORTOLUZZI, 1996). A partir disso, começaram diversos problemas com as Irmãs que estavam na cidade. Algumas além de se mostrarem rebeldes, eram mais jovens e inexperientes e aos poucos se deixavam influenciar pelo espírito

Revista GepeVida 2018

do liberalismo político e religioso, característico da cidade naquela época. Segundo Bortoluzzi (1996, p. 356):

Sentiram-se, em Pelotas, muito mais à vontade. Não observavam a clausura com tanto rigor, saindo a passeios com as meninas e fazendo algumas visitas. As zeladoras do asilo, todas da fina sociedade pelotense, eram muito familiarizadas com as Irmãs. Quando as Irmãs chegaram do Rio, eram pobres em vestuários; a Diretoria comprou-lhes, então, roupa preta para as capas, sapatos e chinelos. Mas o mal pior era a pouca assistência espiritual, pois a Diretoria não achava tão necessária. Sentido-se elas bem tratadas e mais à vontade, nasceu-lhes a impressão de que a Regra elaborada por Madre Fundadora era muito severa. Foram afrouxando na vida espiritual e desligando-se de Madre Bárbara.

Com a vinda de Madre Bárbara à cidade, o problema foi amenizado e as Irmãs vistas como rebeldes ficaram mais unidas à Madre Fundadora. Reitera-se que parte da diretoria do Asilo de Órfãs Nossa Senhora da Conceição era composta por membros da Maçonaria, que nem sempre compactuavam com as ideias da Congregação. Não obstante os maçons tinham pensamentos mais próximos dos liberais e julgavam a assistência religiosa como algo secundário. Consideravam ainda, que a educação das meninas deveria ser direcionada para o casamento e não para a vida religiosa. Aos poucos foi surgindo desavenças entre a diretoria e a Madre Bárbara, que estava sendo apoiada pelo Bispo do Rio Grande do Sul⁸. Com o tempo, algumas Irmãs foram se desligando da Congregação.

Cumprе ressaltar que, a chegada da Madre Isabel a Pelotas foi determinante para a separação entre as Irmãs e a diretoria, pois ela começou a restaurar a vida religiosa das Irmãs e das órfãs, de acordo com as novas Constituições da Congregação, elaborada em Porto Alegre. As novas regras não agradaram à diretoria do asilo. Sendo assim, no dia 6 de janeiro de 1863, o presidente do asilo José Joaquim Afonso Alves, enviou um ofício ao Pe. Vagnozzi, comunicando a exoneração das Irmãs.

Tendo a experiência demonstrado, por fatos quotidianos, a incompatibilidade do austero exercício das regras monásticas com a índole e o fim do Asilo das Órfãs desvalidas, e não podendo a Diretoria do mesmo estabelecimento conceber esperança de V.S^a e suas companheiras prestem os serviços que se aguardam e únicos contribuiriam para o seu progresso, porque, tendo notado, infelizmente, em todos os atos das respeitáveis mães a mais obstinada resistência ao que julga a Diretoria razoável e tendente ao conveniente andamento desta instituição humanitária resolveu a Diretoria dispensar a senhora e mais religiosas do Sagrado

⁸ Para acompanhar as correspondências trocadas entre a Diretoria, a Madre e o Bispo, consultar Bortoluzzi (1996).

Revista GepeVida 2018

Coração de Maria da missão de que as havia encarregado, devendo efetuar-se hoje a substituição pelas Sras. que a Diretoria acaba de nomear e, em consequência, a retirada de V.S^a e de suas companheiras (BORTOLUZZI, 1996, p. 492).

Bortoluzzi (1996) afirma que o fato foi visto pela Congregação como uma expulsão, pois a Maçonaria (fundadora do asilo) e outros membros julgavam que a maior desgraça seria alguma órfã se tornar-se freira. Isso se devia às constantes presenças nas missas, confissões, comunhões diárias, rezas, adoração perpétua, novenas e ladainhas que absorvia maior parte do tempo destas meninas. Alguns jornais acusaram as religiosas de influenciar as órfãs contra os protetores do asilo ligados à Maçonaria, fazendo crer que o único protetor era o Bispo. É importante enfatizar que os dados aqui apresentados foram obtidos de um texto de um religioso que a pedido da Congregação Imaculado Coração de Maria, realizou a pesquisa que deu origem a publicação de um livro em que esses fatos foram publicados. Considerando que o religioso está oficialmente ligado a Igreja Católica, cabe a análise e o estranhamento por parte do pesquisador, ao constatar que na narrativa, padre Bortoluzzi se posiciona a favor da Congregação.

Anterior a expulsão da Congregação do Asilo Nossa Senhora da Conceição em Pelotas, um grupo da cidade vizinha, Rio Grande, ofereceu às Irmãs participação na direção do Asilo de Órfãs Coração de Maria fundado em agosto de 1861, dessa forma, em novembro de 1862 três religiosas partiram para o asilo assumindo a diretoria interna da instituição em 1863 (BORTOLUZZI, 1996). Com a saída das Irmãs da Congregação Imaculado Coração de Maria, a partir de 1863, a responsabilidade de administrar o Asilo Conceição foi entregue para alguns membros da sociedade pelotense, conforme o Primeiro (1916, p. 255):

No dia 6 de Janeiro de 1863 passou o regimento interno do Asylo para senhores e senhoras, em consequência de se haver formado em Porto Alegre uma Congregação de Religiosas do Sagrado Coração de Maria, incompatível com as prescrições dos estatutos e regulamento interno do mesmo.

No ano de 1888, a administração do Asilo Nossa Senhora da Conceição, ficou a cargo das Irmãs Franciscanas, que atualmente mantêm uma escola da rede privada na cidade de Pelotas. Essas foram, portanto, algumas experiências que a Congregação passou na cidade durante o século XIX. As Irmãs retornaram à Pelotas no século XX, mais precisamente em

Revista GepeVida 2018

1912, para assumirem a direção de outro asilo para órfãs, o São Benedito. Este foi fundado pela comunidade negra da cidade. Cabe salientar que apesar dos problemas enfrentados no Asilo de Órfãs Nossa Senhora da Conceição, a comunidade pelotense tinha muito carinho e admiração por elas, conforme foi possível perceber no discurso de inauguração do Asilo Conceição, no qual o trabalho das Irmãs foi exaltado através das palavras do orador.

3. A chegada das Irmãs da Congregação na cidade do Rio Grande/RS e a assistência de meninas desvalidas

No ano de 1858 foram iniciadas em Rio Grande algumas discussões, por meio dos jornais, acerca da necessidade de criar uma instituição que cuidasse da educação e do auxílio das menores abandonadas. Entre os argumentos apresentados para angariar apoio financeiro para esta ideia, o principal era a urgência de se ampliar o trabalho que era realizado pela Casa da Roda dos Expostos⁹. Outro argumento era a descrição da iniciativa de Pelotas, cidade vizinha. Lá foi fundado, em 1855, o Asilo de Órfãs Nossa Senhora da Conceição, discorria-se assim sobre os “bons frutos” de tal iniciativa.

De acordo com Sentana e Moura (1989, p.13), o Major Miguel Tito de Sá foi quem mais lutou pela criação de um asilo de meninas em Rio Grande. Ele era carioca e foi enviado para esta cidade como Major da Guarda Nacional. Em Rio Grande, alcançou notoriedade como empresário, presidente, e diretor da Câmara de Comércio, da Cia. União Fabril e da Santa Casa. Cabe salientar ainda, que ele ocupava o cargo de Inspetor de Instrução Pública e também era maçom. Sendo Miguel Tito Sá um dos diretores da Santa Casa, também era um dos gestores da Casa da Roda dos Expostos. O que nos conduz à hipótese de que seu empenho na construção de um asilo de meninas era movido por uma demanda institucional, uma vez que, não havia um lugar destinado apenas à elas.

No regimento do ano de 1860 da Santa Casa de Misericórdia, está posto que:

[..] Desde que a Santa Casa tomou a seu cargo curar dos expostos, até 30 de junho de 1860, vieram à roda 139 crianças, 11 com aquelas duas que recebeu da Câmara, e mais 11 que a roda recebeu neste último ano compromissal, fazem o número de 152;

⁹ A Casa da Roda dos Expostos era um local, situado na antiga Rua da Praia (atual Marechal Floriano), cedido pela câmara municipal de Rio Grande para assistência dos menores que eram abandonados no Hospital Santa Casa. Essa casa era administrada pelos membros gestores do Hospital Santa Casa. Para maiores informações: TORRES, Luiz Henrique. A casa da roda dos expostos do Rio Grande. **Revista Biblos**, Rio Grande, v. 20, 2006. Disponível em: <http://www.seer.furg.br/biblos/article/view/724>

Revista GepeVida 2018

sendo 78 do sexo feminino e 74 do masculino; 121 brancos, 23 pardos e 8 pretos. Foram reclamados por seus parentes 9, ficaram maiores e a cargo das pessoas que os criaram 36, faleceram 81, existindo agora 26. Destes últimos, 15 são do sexo feminino e 11 do masculino; 23 brancos e 3 pardos (REGIMENTO DA SANTA CASA DE MISERICÓRDIA, 1860, s/p)

Em relação a estes dados, destaca-se que mais crianças brancas eram deixadas na roda. O que segundo Silva (1988) era um perfil comum no Brasil colonial, relacionado mais com à má honra das mães solteiras do que com as dificuldades enfrentadas por um casal pobre para criar os filhos. Sobre esse ponto, Torres (2006) ressalta que, em um período de escravidão, mesmo que os progenitores negros quisessem abandonar seus filhos, seria extremamente difícil. Dado a vigilância dos senhores às grávidas, para manutenção de um novo corpo dócil de trabalho.

A fundação do Asilo Coração de Maria ocorreu a partir de uma reunião, anunciada publicamente nos jornais, aberta a todos aqueles que estivessem interessados em seu funcionamento. Nesta reunião, a primeira medida efetivada foi a eleição de uma diretoria para organizar e dar andamento aos trâmites burocráticos para a criação da instituição. A presidência dessa diretoria ficou a cargo do Major Miguel Tito de Sá, a vice-presidência ao Dr. Pio Angelo Da Silva¹⁰, a secretaria ao Sr. Joaquim Ribeiro da Silva¹¹ e a tesouraria ao Sr. Zeferino Alves Azambuja¹².

A partir de contribuições financeiras de diversos atores sociais e do poder público local, em 1862 foi comprado um prédio para a instituição. Este, era situado nas proximidades da Praça Sete de Setembro. Sentana e Moura (1989) enfatizam que, mesmo existindo um prédio e as condições de renda necessárias, a inauguração do asilo foi sendo adiada até que se conseguisse uma congregação religiosa que garantisse o cuidado das meninas.

Assim sendo, somente em novembro de 1862, chegaram de Pelotas as madres Helena, Gabriela e Filomena¹³ da Congregação do Imaculado Coração de Maria¹⁴. Segundo

¹⁰ Dr. Pio Ângelo da Silva nasceu em Rio Grande no ano de 1818. Prestou à República Rio-grandense serviços de Enfermagem durante a Revolta dos Farrapos. Tornou-se médico no Rio de Janeiro. Ao voltar para sua cidade natal atingiu certo destaque, não só pela sua cultura como também pelos seus constantes atos de benemerência e caridade, ficando conhecido como "Pai dos pobres" (NEVES, 1980).

¹¹ Joaquim Ribeiro da Silva foi um comerciante de sucesso. Membro fundador da sociedade união comercial dos varejistas de Rio Grande, em 1888 (NEVES, 1980).

¹² Zeferino Alves Azambuja foi um empresário rio-grandino. Foi diretor da Companhia de seguros marítimos e terrestres Perseverança, que atuava em Rio Grande entre as décadas de 1860 a 1900 (SENTANA e MOURA, 1989).

¹³ Seus sobrenomes ainda não foram encontrados nos documentos pesquisados.

Revista GepeVida 2018

Bortoluzzi (1996), essas Irmãs foram desligadas do Asilo Nossa Senhora da Conceição devido às suas ideias “subversivas”. Ideias estas, que teriam ido contra às concepções da diretoria do asilo de Pelotas. Constitui-se assim a hipótese de que, as três mães enviadas à Rio Grande foram “escolhidas a dedo”, em um afastamento acertado entre as diretorias desses dois asilos. Ambas diretorias, de acordo com Sentana e Moura (1989), compostas por maçons com destacadas posições socioculturais. Ressalta-se que em Rio Grande, não foram registradas tensões das mães com a diretoria. Além disso, para a manutenção do asilo, a municipalidade dispensava contribuições mensais.

O primeiro trabalho realizado pela diretoria e com a ajuda das três Irmãs foi a criação de um regimento interno. Neste, ficou decidido que o corpo docente do Asilo Coração de Maria seria escolhido e coordenado por uma mãe diretora. A qual, também caberia a tarefa de determinar se seriam leigas ou não suas auxiliares. Outras funções que lhe competiam, era a administração interna do asilo e o cuidado com a educação moral das acolhidas. À diretoria, ficou estabelecido o compromisso de deliberar ou decidir, ouvindo o conselho, em todos os casos que não estivessem previstos no regimento; a responsabilidade de manter o equilíbrio entre a despesa e a receita; de assegurar todos os bens da instituição e de renovar todos os seguros (REGIMENTO INTERNO, 1862).

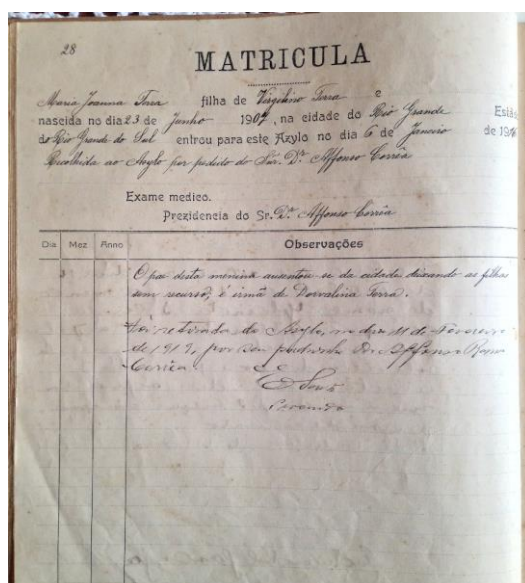
De acordo com Sentana e Moura (1989), após a criação deste asilo muitas meninas que residiam na Casa da Roda dos Expostos foram enviadas para lá. Esta instituição, propiciou assim um alargamento da tutela de uma infância enjeitada, que antes poderia residir na Casa da Roda dos Expostos apenas até os doze anos.

Um aspecto interessante sobre o ingresso das acolhidas é a existência de um sistema de indicação, que não era previsto no regimento, e que acaba por revelar a ocorrência de uma certa seleção das meninas. Além das famílias que lá as deixavam, Sentana e Moura (1989) sinalizam que muitas desvalidas eram colocadas no asilo a pedido de membros da diretoria. Situação que foi confirmada a partir da análise de livros de matrícula.

Figura 2: Livro de matrícula do Asilo Coração de Maria (1916)

¹⁴ Mesma congregação que cuidava dos desvalidos do Asilo Nossa Senhora da Conceição na cidade de Pelotas.

Revista GepeVida 2018



Fonte: Acervo do Educandário Coração de Maria.

Nesta página, pode-se observar que uma menina de nove anos, chamada Maria Joasina Terra, ingressou no asilo, no dia seis de janeiro de 1916, indicada por um dos diretores (Afonso Corrêa). Diferentemente da maioria, ela não passou por exames médicos para ser aceita. Sendo levada do asilo, aos doze anos, pelo mesmo diretor que no livro, é descrito como seu padrinho.

Essa situação se repete com outros diretores e com parentes deles (irmãs e tias). Nenhuma asilada que foi indicada tem registro de avaliação médica. O que evidencia que as vagas nem sempre eram ocupadas a partir dos critérios estabelecidos no regimento interno, bem como que o pedido prévio de auxílio, a alguém com representatividade institucional, facilitava o ingresso.

Na dinâmica temporal da instituição, o ensino primário para externas¹⁵, ministrado pelas irmãs, passou a ser exercido com maior empreendimento. Contudo, por escassa estrutura predial, admitiam-se apenas 27 meninas externas (Sentana e Moura, 1989). O encerramento do asilo foi associado ao incêndio que houve no ano de 1951. Neste acontecimento, muitos documentos foram perdidos. Entre aqueles que foram salvos, estão os relatórios das mães responsáveis, que permitem – através das narrativas construídas – a constituição de fragmentos sobre o cotidiano institucional.

¹⁵ Meninas que moravam com suas famílias e que pagavam uma mensalidade pelo ensino recebido.

Revista GepeVida 2018

Cabe salientar que, a rotina no Asilo Coração de Maria tinha como pilares: a religiosidade, a submissão e a obediência. Todavia, Rizzini (2009) destaca que embora houvesse a busca por imposição de modelos educacionais aos asilos, por outro lado, campos de negociação emergiam diante das pressões e das formas de apropriação engendradas, podendo levar à reorientação das práticas institucionais previstas.

No caso da instituição abordada, sobre as normas de conduta diária, pode-se afirmar que muitas estavam legitimadas pelo regimento interno, mas outras normas também surgiram no decorrer da rotina institucional. Aflorando, assim, um paralelo sociocultural entre as regras “explícitas” e “implícitas”. Seria, então, um tencionamento entre as normas exigidas em documento e as normas que eram apropriadas nas trocas socioculturais da rotina, pelo senso comum.

De acordo com os relatórios das Irmãs, todas as manhãs as asiladas eram acordadas com a frase: “Vinde, louvemos ao senhor”, ao que deviam responder: “Louvado seja o seu santo nome”. Denotando que a religiosidade era parte constitutiva do cotidiano das desvalidas. As meninas estendiam as camas, realizavam a higiene pessoal e logo passavam à realização das orações da manhã. Ao sinal, formavam fila e se dirigiam para a capela. Lá, deviam rezar em silêncio. Ao sair da capela se dirigiam ao refeitório. Antes de se acomodar à mesa, faziam outra oração. A refeição deveria ser realizada com a máxima atenção às regras de etiqueta.

Observa-se que as práticas religiosas estavam imbricadas com o recato e o respeito que se esperava das meninas (SOUSA, 2011). O controle não se dava só no campo da moral, mas também em relação ao controle do seu próprio corpo e de suas vontades. As irmãs consideravam parte de sua responsabilidade a vigilância sistemática das meninas, em todas as suas atitudes e manifestações.

Ao entrar nas salas de aula, as asiladas eram instruídas a permanecerem em silêncio e atentas. A organização era um fator importante para as irmãs, por isso enfatizava-se às meninas o cuidado para não causar danos aos objetos. As religiosas revisavam, diariamente, as carteiras para verificar se nada faltava e se estava tudo organizado. No horário que não frequentavam as aulas, as acolhidas tinham o seu tempo dividido entre serviços domésticos, arte culinária, trabalhos manuais e estudo.

Em um lugar com uma rotina tão rígida, pode-se supor que as jovens tentavam burlar

Revista GepeVida 2018

as regras de alguma maneira. Fato que se confirma nos relatórios por meio da menção de que algumas internas eram “mais difíceis de lidar”. Vidal e Schwartz (2010), chamam a atenção para o fato de que as instituições não são apenas locais de transmissão de conhecimentos, de inculcação de comportamentos, mas são também lugares de resistências, de ressignificações, pois normas e práticas são ações humanas criativas, ativas e, desse modo, estão imbricadas com a lógica social.

Para conseguir impor obediência, submissão, e uma lógica de poder hierárquica¹⁶, as Irmãs valiam-se de meios de correção como: aviso de advertência em particular e/ou em público, notas de disciplina, aviso feito pela madre superiora em particular e -se existente- na presença de algum responsável. As duas últimas medidas eram a ameaça e a efetivação da exclusão definitiva do asilo. Sentana e Moura (1989) afirmam que, para não sofrer nenhum tipo de constrangimento ou punição, as acolhidas deveriam observar cautelosamente e se adequar a conduta efetivada pelas internas do asilo.

Entre essas, estavam à obrigatoriedade de tratar com respeito e grande veneração a madre superiora; falar com as irmãs sempre em pé e ao encontrarem qualquer pessoa deveriam cumprimentar apenas com um inclinar de cabeça, colocando-se de lado para a mesma passar. Era proibido introduzir no asilo livros, revistas, jornais e músicas sem o consentimento das Irmãs, bem como passar bilhetes de qualquer espécie. Fora do recreio, deveriam guardar silêncio em todo o lugar, não devendo andarem ociosas pelos corredores.

Contrário as ações disciplinadoras e repressivas, as Irmãs registraram nos relatórios momentos de grande celebração, alegria e festividade¹⁷. O que nos conduz a percepção da existência da mistura, da simultaneidade, entre a severidade e a amorosidade nesse cotidiano institucional. Panorama que também é expresso nos relatos das Irmãs por meio de preocupações com os sentimentos das meninas, de momentos de afeição e de grande euforia nos momentos de confraternização.

De acordo com os relatórios, aos domingos e nos aniversários, as meninas podiam receber visitas.¹⁸ O que as deixavam muito animadas e, por vezes, tristes pela ausência de

¹⁶ Para saber mais sobre esses conceitos da Cultura escolar, ver: MALIKOSKI e KREUTZ, 2014.

¹⁷ Dado obtidos nos relatórios das madres do Asylo Coração de Maria (1900-1950).

¹⁸ Nos relatórios das madres (1910-1950) não está especificado o perfil desses visitantes. Todavia, baseado nos estudos de Caldeira (2014), pode-se postular que as desvalidas recebiam esporadicamente visitas de algum familiar ou padrinho/madrinha.

Revista GepeVida 2018

alguém que era esperado. As festas religiosas ou comemorativas ocorridas durante o ano eram motivo de grande comoção. No dia do aniversário do asilo, organizava-se uma festa, todos comiam bolo e assistiam juntos aos fogos de artifícios. Nas festas havia exposições de trabalhos manuais, apresentações de dramatização, cantos e poesias pelas órfãs. Uma quantia da venda dos trabalhos manuais era depositada em uma caderneta pessoal às internas, que era liberada pelas irmãs a cada uma das meninas, no momento da saída da instituição.

No que tange ao ensino ministrado no asilo, ele era primário e moldado de acordo com o programa oficial do estado. Os exames finais, que duravam o dia inteiro, eram fiscalizados por uma banca examinadora presidida pela madre superiora e professores de outras escolas da cidade.

Posteriormente, as meninas que completavam o curso primário aprendiam, em coerência com sua vocação e interesse, a datilografia, enfermagem, o corte, a costura e o bordado. As interessadas, ainda poderiam continuar seus estudos no Colégio Santa Joana d'Arc, que tinha ensino normal¹⁹. Em relação a essas profissões disponíveis, duas eram culturalmente associadas a figura feminina do século XIX: a enfermagem e à docência (TAMBARA, 2002). A datilografia, pode ser relacionada a um mercado de trabalho que existia, por causa das editoras e os jornais que haviam em Rio Grande (LONER, 2001 e MARTINS, 2006). Já o corte, a costura, o bordado, bem como as lidas de limpeza do lar, possibilitariam tanto a atuação de empregada doméstica, como de servente ou costureira nas fábricas²⁰ que foram fundadas na cidade entre as décadas de 1870 a 1910.

Destaca-se que o ensino profissionalizante, pode ser considerado uma singularidade e um ingrediente fundamental para a caracterização da identidade institucional²¹ do Asilo Coração de Maria. Isso porque, a efetivação deste tipo de ensino está diretamente relacionada a uma configuração sociocultural cidadina.

Sendo uma zona portuária de destaque do sul do Brasil, na história da cidade do Rio Grande, entre imigrantes, comerciantes, escravos e uma vasta população que habitava cortiços, sempre estiveram presentes as prostitutas (MARTINS, 2006 e TORRES, 2015).

O medo de que as meninas asiladas se transformassem nas mulheres que ganhavam

¹⁹ Dados extraídos dos relatórios das madres do Asilo Coração de Maria (1900-1950).

²⁰ Fábrica Rheingantz (1873), Fábrica Aliança (1876), Fábrica Beneri & Farinha (1889), Leal Santos (1889), Indústria Llopart (1902) e a Fábrica Pook (1891) (MARTINS, 2006).

²¹ Identidade institucional é um conceito abordado por Werle (2007).

Revista GepeVida 2018

seu sustento através do sexo, é como uma sombra que se esconde nas entrelinhas dos documentos²². A “preocupação com as possibilidades de vida que as esperam”, o desejo de “possibilitar uma vida com boa moral e dignidade” e de que “fossem mulheres dignas de respeito”, sempre acompanha as menções do ensino para o trabalho.

Sentana e Moura (1989) e Caldeira (2014) afirmam, e os documentos comprovam, que muitas meninas saíam dos asilos para trabalhar como domésticas nas casas de família ou para o casamento. Mas o que acontecia com aquelas que não casavam ou que não conseguiam ser empregadas em casas de família, caso não possuíssem outra formação além da lida doméstica? Pode-se postular que poderiam tentar seguir a vida religiosa. Todavia, ainda não foram encontrados dados que sinalizem essa situação. Os registros desvelam apenas o medo das irmãs de que as meninas tivessem uma vida promíscua e indigna. Medo esse, que impulsiona a inserção do ensino profissionalizante na instituição.

Todavia, para além da motivação que impulsiona a efetivação desse tipo de ensino, é preciso enfatizar a importância desse ato dentro do contexto citadino. Afinal, foi a partir dessa iniciativa que se abriu um pouco mais o leque de possibilidades de trabalho para jovens que jamais teriam como custear sozinhas algum curso profissionalizante. O que evidencia não apenas a existência de uma oportunidade de ascensão sociocultural dessas meninas desvalidas, através de um futuro como professoras, enfermeiras, empregadas domésticas, trabalhadoras fabris e etc.; como também a aposta institucional em um sustento feminino, independente do casamento.

5. Considerações finais

A Congregação Imaculado Coração de Maria foi grande colaboradora no trabalho com a institucionalização da infância desvalida nas cidades de Pelotas e Rio Grande. A Madre fundadora da Congregação, Bárbara Maix, faleceu no dia 17 de março de 1873 na cidade do Rio de Janeiro e foi beatificada no dia 6 de novembro de 2010, na cidade de Porto Alegre, tendo um milagre reconhecido pelo Papa Bento XVI. A Congregação inicialmente denominada Puríssimo Coração de Maria, em 8 de maio de 1949, ao completar seu centenário, passou a denominar-se Imaculado Coração de Maria e atualmente tem sede em

²² Informações extraídas dos relatórios das mães do Asilo Coração de Maria (1900-1950).

Revista GepeVida 2018

cinco cidades: Porto Alegre (sede geral), Santa Maria e Caxias do Sul no Rio Grande do Sul, São Paulo/SP e Teresina/PI. Além das sedes, as Irmãs da Congregação estão inseridas em diversas entidades espalhadas em várias cidades do país

O Rio Grande do Sul concentra grande parte das instituições administradas pelas Irmãs. A capital do estado, Porto Alegre, além de abrigar a sede geral da Congregação, mantém o Memorial Bárbara Maix. No estado do Piauí, consta apenas uma das sedes da Congregação. As Irmãs também atuam em outros países, como Maputo em Moçambique, além da presença evangelizadora na Itália, Paraguai, Haiti, Venezuela, Bolívia e Argentina.

Na cidade de Pelotas, a sociedade local, em especial membros da Maçonaria, se engajou em práticas caritativas, fundando o Asilo de Órfãs Nossa Senhora da Conceição em 1855. O asilo serviu de apoio a Santa Casa de Misericórdia de Pelotas acolhendo meninas enjeitadas na Roda de Expostos instalada em 1849, além de oferecer educação moral, religiosa, disciplinadora e higienista para meninas desvalidas. Apesar da intenção do asilo, a instituição passou a ser seletiva na medida em que não acolheu meninas negras e/ou filhas de pais desconhecidos. Sendo assim, o problema com a institucionalização das meninas desvalidas na cidade ainda não estava solucionado. Uma vez que a elite local não tomou medidas para amenizar essa situação, a iniciativa partiu da comunidade negra da cidade, em 1901, ao fundar outro asilo para órfãs.

Em Rio Grande, as Irmãs chegaram no ano de 1862. A diretoria responsável pelo Asilo Coração de Maria articulou a vinda das Irmãs que atuavam no Asilo Nossa Senhora da Conceição, de Pelotas. De forma específica, foram encaminhadas para Rio Grande três madres que haviam protagonizado algumas tensões com a diretoria do asilo da cidade vizinha. Acredita-se assim que, de fato, elas foram afastadas em um acordo entre as duas diretorias. Ambas formadas por sujeitos maçons, pertencentes à elite. À tutela das Irmãs, ficou o ensino escolar e doméstico das meninas do Asilo Coração de Maria, bem como o controle de algumas atribuições administrativas, como o ingresso na instituição. Entre suas principais ações, estão os estabelecimentos de vínculos com outras instituições que proporcionaram a efetivação do ensino de ofícios para as asiladas.

Acerca dos dados abordados nesta comunicação, cabe sublinhar que foram encontrados mais documentos preservados sobre a Congregação Imaculado Coração de Maria na cidade do Rio Grande. O que também pode ser inquirido como resquício das tensões

Revista GepeVida 2018

ocorridas em Pelotas. É preciso acrescentar ainda, que este estudo não se esgota neste trabalho pela complexidade e riqueza do tema tratado. Contudo, foi intenção não apenas destacar a atuação de uma ordem religiosa feminina na esfera educacional, mas suscitar um contexto educacional propício para meninas em situação de vulnerabilidade. Lócus repleto de preconceitos de gênero, conflitos socioculturais, e ainda pouco abordado dentro dos estudos históricos educacionais.

Referências

BORTOLUZZI, Pe. Octávio Cirillo. **Documentário**. 2. ed. Porto Alegre: Gráfica Dom Bosco, 1996.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CALDEIRA, Jeane dos Santos. **O Asilo de Órfãos São Benedito em Pelotas – RS (as primeiras décadas do século XX): trajetória educativa-institucional** Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas (PPGE-UFPEL), 2014.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1997.

JORNAL ECHO DO SUL. Rio Grande, 1858 a 1950.

JULIA, Dominique. **A cultura escolar como objeto histórico**. Revista Brasileira de História da Educação, v. 1, n. 1, 2012. Disponível em:
<http://rbhe.sbhe.org.br/index.php/rbhe/article/view/273/281>

LONER, Beatriz Ana. **Construção de classe: operários de Pelotas e Rio Grande (1888-1930)**. Pelotas: UFPEL, 2001.

MACIEL, Patrícia Daniela. Instituto Asilo de Órfãos Nossa Senhora da Conceição: estudo da educação das meninas abandonadas no século XIX. In: ASPHE - ENCONTRO SUL-RIOGRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 8, 2002. **ASPHE - Iconografia e Pesquisa Histórica**. Gramado: Seiva, 2002. p. 291-303.

MALIKOSKI, Adriano e KREUTZ, Lucio. A cultura escolar como categoria de análise na produção de narrativas históricas sobre educação. **Revista Textura** Canoas n.32 p.245-260 set./dez. 2014.

MARCÍLIO, Maria Luiza. **História Social da criança abandonada**. São Paulo: Hucitec, 1998.

MARTINS, Solismar Fraga. **Cidade do Rio Grande: industrialização e urbanidade (1873-**

Revista GepeVida 2018

1990). Rio Grande: FURG, 2006.

NASCIMENTO, Heloisa Assumpção. **Breve histórico do Instituto Nossa Senhora da Conceição**: em comemoração aos seus cento e quarenta anos de fundação 1855 – 1995. Pelotas: Ed. Universitária UFPEL, 1995.

NEGRÃO, Ana Maria Melo. **Infância, educação e direitos sociais**: Asilo de Órfãs (1870-1960). Campinas: UNICAMP/CMU, 2004.

NEVES, Décio Vignoli. **Vultos do Rio Grande**. Santa Maria: Palloti, 1980.

PERUZZO, Rosária Sperotto. Abrigo de Menores: Híbridões na Constituição de Si. 1997. 302f. **Dissertação (Mestrado em Educação)** – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

POLIANTÉIA comemorativa do 75º Aniversário da chegada das Irmãs Franciscanas do Rio Grande do Sul 1872 -1947. Porto Alegre: Imprimatur, 1947. 176p.

REGIMENTO da Santa Casa de Misericórdia da Cidade do Rio Grande. Rio Grande: Tipografia do Diário, 1860.

REGIMENTO interno do Asylo Coração de Maria, 1862.

RELATÓRIO apresentado ao conselho do município do rio grande, 1900 a 1950.

RELATÓRIO das madres do Asylo Coração de Maria, 1900 a 1950.

SAMARA, Eni de Mesquita; TUPY, Ismênia. **História & Documento e metodologia de pesquisa**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

SENTANA, Ana Lucia e MOURA, Kátia. Asilo de Órfãs Coração de Maria. In: **Metodologia e Técnica em Pesquisa Histórica**. Rio Grande: FURG, 1989.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. **Movimento Constitucional e Separatismo no Brasil (1821-1823)**. São Paulo: Horizonte, 1988.

SOUSA, Celita Maria Paes. Casa das educandas ou recolhimento das educandas: instituição para meninas desvalidas no Pará. No século XIX. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, número especial, p. 224-234, out 2011. Disponível em: ojs.fe.unicamp.br/ged/histedbr/article/download/3178/2840

RIZZINI, Irene; RIZZINI, Irma. **A institucionalização de crianças no Brasil**: percurso histórico e desafios do presente. 2. Ed. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: São Paulo: Loyola, 2004.

_____. **O século perdido**: raízes históricas das políticas públicas para infância no Brasil. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

Revista GepeVida 2018

RIZZINI, Irma. A pesquisa histórica dos internatos de ensino profissional: revendo as fontes produzidas entre o século XIX e XX. **Revista Contemporânea de Educação**, v.4, nº7, 2009. Disponível em:

<https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/1571/1419>

TAMBARA, Elomar. Profissionalização, escola normal, feminização e feminilização: magistério sul-rio-grandense de instrução pública - 1880/1935. In: HYPOLITO, Álvaro; VIEIRA, Jarbas; GARCIA, Maria Manuela (Orgs.). **Trabalho docente: formação e identidades**. Pelotas: Seiva, 2002.

TORRES, Luiz Henrique. A Casa da Roda dos Expostos na cidade do Rio Grande. **Revista Biblos**, v.20, 2006. Disponível em:

<http://www.seer.furg.br/biblos/article/view/724>

_____. **Rio Grande em tempos de cólera**. Rio Grande: Pluscom, 2015.

VANTI, Elisa dos Santos. . A breve história de Ethelvina: caridade, filantropia e assistência à infância em Pelotas, Rio Grande do Sul (1875-1900). **História da Educação**, v. 6, n. 12, p. 143-158, jul./dez. 2002. Disponível em:

<http://www.seer.ufrgs.br/asphe/article/view/30573>

_____. **Lições de infância: reflexões sobre a História da Educação Infantil**. Pelotas: Seiva Publicações, 2004.

VIDAL, Diana e SCHWARTZ, Cleonara (orgs). **História das Culturas Escolares no Brasil**. Vitória: EDUFES, 2010.

WERLE, Flávia. Espaço escolar e história das instituições escolares. **Revista Diálogo Educ**, Curitiba, v. 7, n. 22, p. 147-163, set./dez. 2007. Disponível em:

<http://www2.pucpr.br/reol/index.php/DIALOGO?dd1=1579&dd99=pdf>

_____. História das Instituições Escolares: de que se fala? In: LOMBARDI, José Claudinei; NASCIMENTO, Maria Isabel Moura, (Orgs). **Fontes, história e historiografia da educação**. Campinas, SP: Autores Associados: HISTEDBR, 2004.

*Recebido em julho de 2018.
Aceito em dezembro de 2018.*